



Brasília espera o Palácio dos Arcos para encontrar de novo o seu ritmo

A instalação definitiva do mundo diplomático na capital da República é a grande esperança do comércio e da pequena indústria de Brasília, sem contar o que esse fato representa para a indústria da construção civil, que anseia pela volta dos grandes contratos do "ritmo de Brasília". Todos os grandes projetos da iniciativa privada giram em torno do esperado segundo semestre de 1967, quando o Ministério das Relações Exteriores, de acordo com os planos fixados, começará a mudança em massa de seus departamentos.

Por isso, foi recebida com grande alegria a notícia de que a estrutura de alvenaria da chancelaria brasileira — o "Palácio dos Arcos" — já está terminada. O conjunto é formado por dois edifícios: um, destinado às atividades representativas, deverá estar concluído em janeiro do próximo ano; e o segundo, destinado às atividades administrativas, será entregue logo depois, em abril.

Digno da capital

Projeto de Oscar Niemeyer, desenvolvido por Milton Ramos, o "Palácio dos Arcos" é uma obra digna de Brasília. A grandiosidade de sua concepção recorda os edifícios da catedral e do Congresso Nacional. De um espelho de água, erguem-se cinquenta e seis arcos, iluminados indiretamente, sobre os quais parece se apoiar a cobertura de um imenso meio cubo (com uma base de 7.400 metros quadrados) suspenso, de cimento e vidro. A galeria dos arcos abrange os três pavimentos visíveis do edifício, que ainda conta com um quarto pavimento, subterrâneo.

O subsolo é destinado a reuniões amplas, congressos ou conferências: possui um amplo salão nobre, à entrada, seguindo-se um vasto plenário retangular de 1.200 metros quadrados; uma das paredes de 40 metros será totalmente uma escultura do paulista Sergio Camargo. O terraço, 75 cm acima do nível do lago, terá um "hall" de entrada de 30 metros, com paredes de mármore e frisos de pau ferro (materiais predominantes em todo o edifício) e um baixo relevo do escultor Atos Bulcão, alguns serviços e um jardim interno de Burle Marx. O acesso é feito por pontes sobre o lago.

De automovel

O terceiro pavimento — primeiro andar acima do nível, corresponde ao gabinete do ministro de Estado, com escritórios para os assessores e dependências. Terá um grande hall de entrada com uma das paredes formada por uma treliça de madeira, também de autoria de Atos Bulcão. O corredor que une as dependências administrativas e os serviços terá uma parede de mármore e outra totalmente de tecido. O acesso a este andar poderá ser feito por automovel, mediante uma rampa que chega até à sua entrada principal.

Os serviços principais (inclusive a cozinha) estão todos colocados no último pavimento do edifício, onde haverá um amplo terraço coberto, com um grande salão para banquetes e dois menores (de 36 e de 10 talheres) para reuniões mais íntimas. O terraço coberto terá ainda uma pergola com jardim de Burle Marx.

Todo o edifício, que terá um teto plano, é modulado em peças de 6 metros.

A administração

Os serviços administrativos do Ministério das Relações Exteriores vão ocupar uma área de quase o dobro da destinada atualmente a cada Ministério. Enquanto os atuais blocos da Esplanada dos Ministérios têm cerca de cem metros de comprimento, oito andares e um subsolo, o edifício administrativo da Chancelaria terá 160 metros de comprimento, com 8 andares e dois subsolos.

Os dois subsolos abrigarão as garagens, serviços de manutenção, segurança, almoxarifado, arquivos mortos e serviços outros relacionados com o pessoal. No terraço haverá a recepção e seis elevadores para atender os demais andares. No oitavo andar, haverá jardins, assistência médica e dois restaurantes, para o pessoal graduado e para o pessoal subalterno.

No conjunto de obras, a empresa construtora trabalha, efetivamente, há cerca de um ano, empregando aproximadamente 700 homens. Além do concreto e de 2.800 mil quilos de ferro, usou 800 mil tijolos furados.

Falta indicação segura

A esta atividade na sede da Chancelaria, comentam os círculos diplomáticos brasilienses, não corresponde igual atividade no setor habitacional, básico para a transição do funcionalismo do Ministério. O "Conjunto São Miguel", de quatro superquadras de onze blocos cada, ficou reduzido a um início de construção de 5 blocos. Com o Grupo de Trabalho de Brasília, por outro lado, está sendo acertada a recuperação de diversos blocos de construção interrompida desde 1961. Mas tudo isso ainda não é suficiente.

Na realidade, a posição dos representantes diplomáticos, quanto à instalação definitiva de suas sedes em Brasília, é de expectativa. Todos esperam uma "indicação segura, clara e definitiva" de que realmente não haverá, mais uma vez, uma interrupção no esforço de mudança da administração brasileira para a nova capital. E aguardam, com atenção, o que dirá nesse sentido o sucessor do presidente Castelo Branco, a quem caberá garantir a continuação da transição a partir de 1967.

A atividade febril da NOVACAP e da Prefeitura do Distrito Federal, e mais ainda o entusiasmo construtor demonstrado pelo Ministério da Guerra, são lúdicios bons, muito bons, mas ainda não suficientes. E, ressaltam muito justamente os vários encarregados de negócios, um investimento variável entre 3 e 6 bilhões de cruzeiros (de acordo com a importância da Embaixada) exige bons argumentos para serem enviados aos respectivos governos...

As Embaixadas

Apenas dois países já construíram a sede definitiva de suas representações: Iugoslávia e Tchecoslováquia. A primeira, na realidade, nunca teve ninguém em Brasília, a não ser o prédio vazio, refúgio preferido pelos asilados políticos de 1964. A segunda se encontra vazia desde o início do ano, quando o encarregado de negócios, que desenvolveu intensa atividade cultural na cidade, foi removido para outro país.

Dentre os outros países que mantêm relações com o Brasil e não possuem sede definitiva em Brasília merecem menção os Estados Unidos, a França e a Inglaterra.

Estados Unidos

Com vinte funcionários diplomáticos em atividade na capital da República, os Estados Unidos possuem entretanto instalações administrativas para cinquenta e habitações para sessenta funcionários. E tudo o mais está pronto para começar a construção da residência do embaixador e, por último, da sede da chancelaria: verba já prevista e destacada, projetos já feitos e aprovados. E enquanto as coisas não ficam mais claras, os norte-americanos levam avante seus projetos menores: a atual escolinha americana, frequentada por adultos e crianças da representação e por alguns brasileiros, que agora funciona num apartamento, em breve será abrigada pela "Escola Americana", com acomodações para 200-300 alunos, já em fase de construção, na avenida L-2, na proximidade da sede da Chancelaria; e a Casa Thomas Jefferson, que já não cabe nas suas atuais instalações, terá seu problema resolvido.

A sede da Chancelaria será o último edifício a ser construído. A atual sede provisória, com amplo jardim de Burle Marx, a placa comemorativa da visita de Foster Dulles em 1958 e a pedra fundamental colocada pelo presidente Eisenhower em 1960, resolverá as necessidades de representação mesmo que, repentinamente, o embaixador se veja obrigado a funcionar imediatamente em Brasília.

França

Identificada com a cidade desde sua inauguração, a França está com tudo pronto para dar início imediato às obras de construção de sua Chancelaria, que é um dos últimos projetos feitos por Le Corbusier em sintonia com o crescimento da cidade.

Assim, já decidiu transferir a atual sede provisória de seus serviços administrativos para apartamentos em fase final de compra, na Asa Sul. O encarregado de negócios na Capital Federal já deixou de morar na sede provisória: está instalado numa notável mansão à beira do lago de Brasília, próxima da ermida de D. Bosco.

O projeto francês, com o passar do tempo, já sofreu algumas modificações, preferindo-se a construção de diversas casas isoladas ao agrupamento, num único bloco, de meia centena de apartamentos: é mais conforme ao gosto francês e permite uma utilização gradual dos recursos a investir da ordem de um bilhão de cruzeiros. Além disso serão compradas mais algumas casas à beira do lago. Todo o projeto, ao seu final, representará um investimento da ordem de 5 a 6 bilhões de cruzeiros.

Consciente que o problema imediato da cidade não é a construção de mais uma embaixada, os franceses tem-se dedicado, em Brasília, a distribuir cultura sob todas as formas: cinema, língua, exposições e escolinha de arte. A "Aliança Francesa" não é apenas centro de reunião de franceses: um dos últimos acontecimentos, no seu recinto, foi a eleição da diretoria do Departamento de Brasília do Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Inglaterra

Até junho de 1967, a embaixada britânica pretende ter construído em Brasília um prédio de dezoito apartamentos, para funcionários administrativos, próximo à sede da futura embaixada, uma casa na península Sul, destinada ao diplomata que, na graduação, vem logo após o embaixador (o "n.º 2", em linguagem administrativa), e mais cinco casas na parte Norte, destinadas a diplomatas de menor graduação.

Tudo isso, já tem sua construção iniciada, em previsão a funcionamento definitivo da representação, em Brasília, até o fim de 1967. A única informação que a embaixada não pode ainda fixar em termos definitivos é a construção da sede da representação, no lote a ela destinado, na avenida das Nações. O projeto, informa o secretário R.G. Sheridan, é de autoria do arquiteto inglês Smithson, que já veio duas vezes a Brasília para estudar o ambiente. Os entendidos tanto britânicos como brasileiros, dizem que é muito bom, mas ainda não foi aprovado pelo novo governo inglês. "Mas isso — assevera o diplomata — somente porque o novo governo acaba de ser eleito".

Seja como for, caso o ministro de Relações Exteriores venha a se fixar em Brasília antes da construção do edifício definitivo, o embaixador britânico não terá dúvidas em se instalar na sede provisória, onde atualmente funciona o "núcleo avançado". A Inglaterra, faz questão de ressaltar seu representante "candango", será a primeira nação a se instalar com edifícios definitivos, logo após a Tchecoslováquia e Iugoslávia, que já os construíram.

